INSPIRE-C

INSPIRAÇÃO, REFLEXÃO E ÉTICA

CONHECIMENTO E DINAMISMO

EDIÇÃO NÚMERO 01 ANO 1

JULHO/ AGOSTO 2017

A constante busca pelo melhor

www.vectorportal.com

sumário

04 apresentação

05 editorial



06 Nem sempre é fácil decidir
Ronaldo Assais Ribeiro Campos



10 Filosofia, inovação e o mundo corporativo
Adriano da Rocha Lima



14 O projeto e os desafios do InspiraBB, realizado no final de 2016 em São Paulo/SP



18 Pessoas com deficiência: desafios éticos
Maria Clara Dias

apresentação



O que é a Inspire-c?



Tema da primeira edição

Amigo leitor,

Inauguramos esta primeira edição da revista INSPIRE-C com temas que à primeira vista podem parecer desconexos, mas estão ligados entre si.

Falo em meu artigo sobre escolhas e como, muitas vezes, elas podem se tornar difíceis. A professora Maria Clara Dias fala sobre os desafios éticos existentes para com as pessoas portadoras de deficiência física e/ou funcional. Em seguida, o CEO da WebRadar, Adriano da Rocha Lima, conta um pouco de sua experiência em educação corporativa e humanista, e como esta pode ajudar no desempenho profissional. Por último, temos uma entrevista sobre uma iniciativa inovadora do Banco do Brasil: o InspiraBB.

Quanto aos vídeos, entrevistamos o publicitário Washington Olivetto, o executivo Luiz Roberto Carvalho, que atua no ramo farmacêutico, e Carlos Netto, Diretor de Estratégia e Organização do Banco do Brasil. Todos falaram sobre o medo e como eles e as empresas em que trabalham lidam com esse sentimento.

Não importa o tamanho do desafio ou da dificuldade, sempre estamos buscando o melhor caminho, as melhores soluções, pensando, refletindo, trabalhando e agindo para encontrar o melhor – seja coletivamente ou individualmente.

Boa leitura!
Ronaldo Assais Ribeiro Campos



Foto:Divulgação

expediente

Revista INSPIRE-C

Revista Institucional do Espaço Ética – Serviços de Palestras, Ensino, Capacitação e Assessoria Sociedade Empresária Limitada. (www.espacoetica.com.br)

INSPIRE-C é uma publicação bimestral da empresa Espaço Ética direcionada ao mundo corporativo articulando conhecimentos acadêmicos e empresariais, ligados principalmente à ética.

A INSPIRE-C não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados.

Editor responsável
Ronaldo Assais Ribeiro Campos

Diretores Institucionais
Karina de Andrade Macieira
Clóvis de Barros Filho

Design, Diagramação e Projeto Gráfico
Ana Carolina Ermel de Araujo

Fotos: DepositPhotos.com

Revisão
Hebe Ester Lucas

Colaboradores
Maria Cristina Poli
Sula Vlashos
Rodrigo Leitão

Assinatura, sugestões e reclamações
ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

Comercialização
ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
Cidade: São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532



Nem sempre é fácil decidir

Ronaldo Assais Ribeiro Campos

Escolha profissional
Decisão
Educação corporativa

Neste artigo apresento um pouco da minha trajetória estudantil e profissional. Destaco a importância de entendermos as respostas científicas — no meu caso, dadas pela Psicologia — e ao mesmo tempo estarmos alertas para os nossos desejos e vozes internas.

Como nem sempre tudo está perdido, fecho o artigo dizendo que apesar dos vários e diferentes caminhos que escolhemos para nossas vidas, sempre há uma força, queiramos ou não, que é muito mais poderosa que nós e quiçá trará bons frutos.

Aos 14 anos minha mãe levou-me para um "psicólogo especialista em vocação profissional" (ou algo parecido). Acho que de tanto perturbá-la com a falta de clareza de qual profissão escolher, ela escolheu alguém para dar conta de minhas indecisões.

Não lembro com detalhes dos testes aos quais fui submetido, mas lembro com clareza duma pequena redação e em seguida de passar por um tipo de entrevista. Não tenho a mínima ideia do que escrevi, nem das respostas dadas às perguntas, porque, (in)felizmente, muitos detalhes de nossas lembranças se vão com o tempo. Sei que saí de lá com a mesma sensação de quando entrei, ou seja, baita dúvida do que fazer com o meu futuro.

Passados alguns dias, penso que talvez um mês, voltamos ao tal consultório para apanhar o resultado. Recebi um envelope grande, colado e com meu nome escrito à máquina (naquela época, nem se sonhava com computadores). A ansiedade era tão grande que abri o envelope lá mesmo. Primeira folha, segunda folha, terceira folha... e nada. Um monte de blá-blá-blá. Não entendia nada! Então, resolvi pular tudo e ir direto para a última página. Finalmente, e agora sim, encontrei o nome de duas profissões: jornalismo ou publicidade. Quis morrer! (Que não me levem a mal os profissionais dessas áreas. São apenas reflexões e exposições de sentimentos infantis íntimos, que hoje entendo como uma grande deficiência minha por não compreender os fatos daquela época.)

Hoje em dia isso acontece com menos frequência, mas era muito mais comum as famílias (com certeza a minha) induzirem seus filhos para que escolhessem entre medicina ou direito ou engenharia. Por isso, fiquei desesperado, já que nenhuma das três opções "possíveis" constava na última página. E agora?

Resolvi me desapontar e tentar seguir o mais próximo possível o protocolo. Mesmo assim, houve certa pressão para que eu estudasse Engenharia. Formei-me em Administração de Empresas — já que era o mais próximo de Direito e Engenharia; no percurso da graduação, interrompi o curso para tentar Engenharia (cursei dois anos e foi um desastre) e sempre ensaiei estudar Direito. Confesso (primeira confissão e talvez a única que eu faça neste artigo) que não tive coragem. Só fiquei no ensaio!

A decisão de interromper a graduação em Administração e tentar a Engenharia veio pelas circunstâncias da vida. Minha mãe estava recém-separada e com poucos recursos financeiros. Então, abriu um

pequeno negócio na área de alimentos e fomos trabalhar com ela (minha irmã e eu). Assim feito, achei que era momento de atender aos desejos familiares e ao mesmo tempo conciliar com o trabalho que ora surgia.

Cursei Engenharia de Alimentos por dois anos. O curso é ótimo, pois oferece disciplinas nas áreas de exatas e biológicas. É bem estruturado, exige bastante dos alunos e os estudantes entram num mundo de misturas químicas, cheiros, formas, cor que praticamente é infinito. Apesar de ter gostado muito do que vi e aprendi, senti que não era para mim pelo simples fato de não ter tido maturidade para ler e compreender os resultados que estavam nas folhas um, dois, três... e, também, talvez o mais importante, por conta da ansiedade, não dei ouvidos à minha fala interna. Não prestei atenção ao que os psicólogos disseram e que tão bem estava apontado no teste vocacional.

"Resolvi me desapontar e tentar seguir o mais próximo possível o protocolo."

Voltei para o curso de Administração de Empresas e abracei a profissão de administrador. Trabalhei por mais de 26 anos em grandes empresas multinacionais e nacionais. Acumulei experiências, aprendizados e de minha parte penso que contribuí com o que foi possível.

A Administração tem esta vantagem, ou seja, abrange várias áreas do conhecimento (finanças, marketing, recursos humanos, vendas) e para alguém como eu (apesar de alertado pela psicologia), que seguiu outros caminhos, acabei encontrando meu espaço na área de finanças e depois na área de vendas. Esta é outra vantagem da Administração, ou seja, é muito comum os profissionais trilharem suas carreiras em mais de uma área. E depois, com cursos de aperfeiçoamento profissional que são ministrados interna ou externamente às organizações, tais como os programas de especialização *lato sensu* (MBAs, mestrado profissionalizante, entre outros), mestrados e doutorados acadêmicos, o profissional acelera seu aprendizado e passa a atuar com rapidez produtiva na nova área.

Tive experiências com cursos internos e externos às organizações nas quais trabalhei. Um deles foi o MBA Varejo, ministrado na Universidade Corporativa da empresa de varejo em que trabalhava, em parceria com a FIA/USP. O outro foi um MBA em Gestão com duração de dois anos, ministrado, também, pela FIA. E diversos outros cursos, treinamentos e aperfeiçoamentos surgiram ao longo do tempo. O que mostra quanto esse processo de aperfeiçoamento profissional é importantíssimo e fundamental para a capacitação do funcionário e, consequentemente, para que as empresas atinjam seus resultados.

Porém, apesar de toda essa possibilidade e diversidade de conhecimento que a Administração oferece, sentia um vazio interno e que precisava ser preenchido com outros saberes. E foi nessa época de vazio que conheci, por meio do trabalho, um estudante de Ciências Sociais. Interessante porque ele era infinitamente mais entusiasmado com a Filosofia do que com seu próprio curso; de tanto falar sobre ela, resolvi assistir a uma aula de Filosofia na USP.

Escolhi assistir à disciplina de Introdução à Filosofia. Foi suficiente para entender que ali era possível preencher um pouco (talvez muito) do meu vazio interno. No ano seguinte, prestei vestibular e estava matriculado na graduação. Foram anos incríveis! Como é gostoso aprender e entender outros pensamentos que nem imaginava que existiam, discutir conceitos e ideias que pertencem a todos nós e ao mesmo tempo vivê-las. O resultado disso? Preenchimento de muitos vazios, porque penso que numa vida é impossível preencher tudo, e uma segunda graduação concluída em 2002.

Mas, caro leitor, apesar de tudo, tem algo nesta vida incompreensível, mais forte que todos nós juntos, que alguns entendem como divino, para outros é puro conformismo e eu gosto de chamar de destino — assim como muitos, também. E faço justiça à Psicologia, pois ela apontou-me o caminho a seguir... e agora meu destino trouxe-me até aqui para anunciar que, enquanto for permitido, estaremos juntos em cada edição da nova revista corporativa do Espaço Ética – INSPIRE-C.

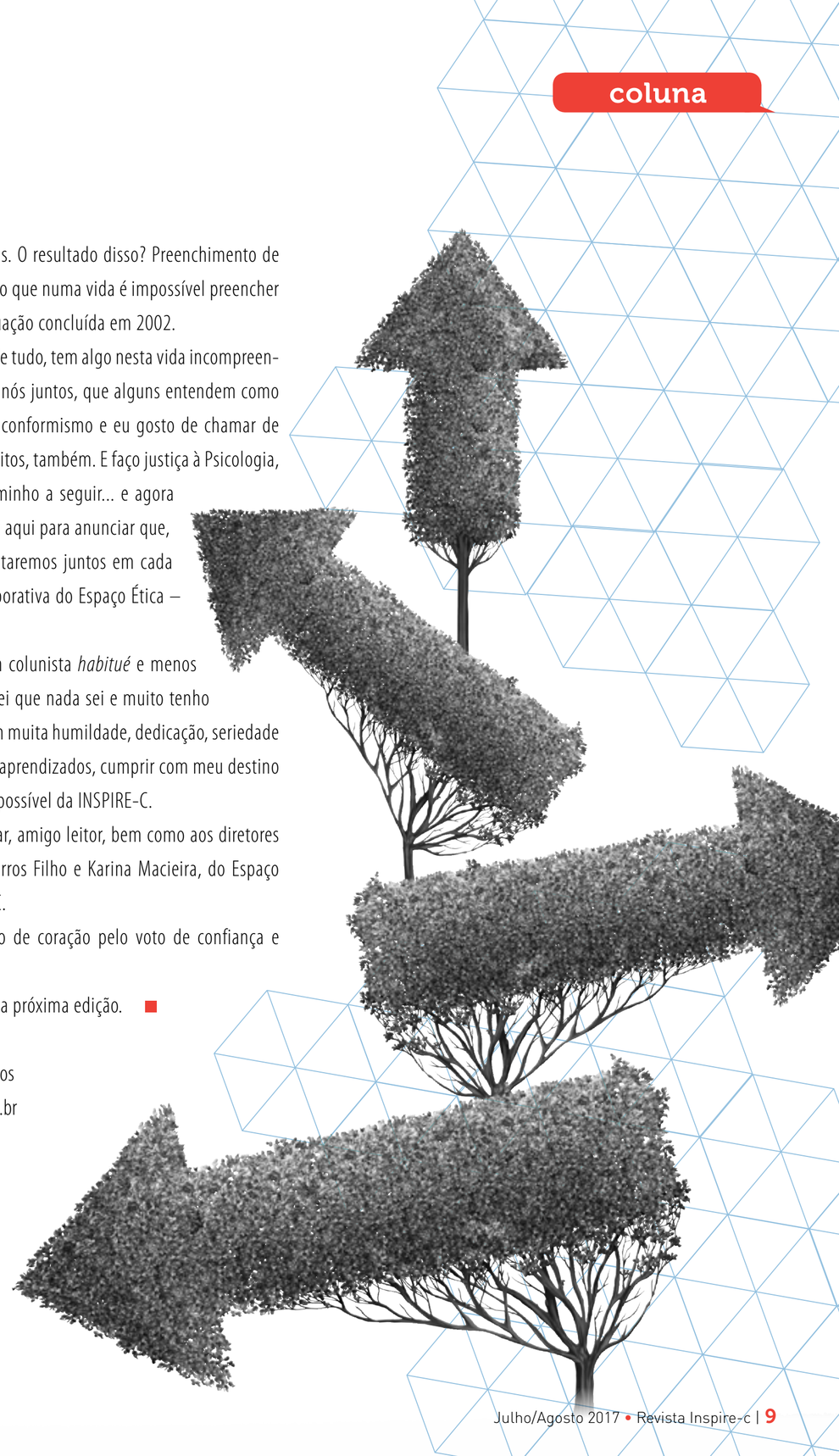
Pois é! Longe de ser um colunista *habitué* e menos ainda um jornalista, pois sei que nada sei e muito tenho que aprender, pretendo com muita humildade, dedicação, seriedade e com exercícios diários de aprendizados, cumprir com meu destino e levar até vocês o melhor possível da INSPIRE-C.

Espero não o decepcionar, amigo leitor, bem como aos diretores institucionais, Clóvis de Barros Filho e Karina Macieira, do Espaço Ética e da revista INSPIRE-C.

A todos vocês, agradeço de coração pelo voto de confiança e oportunidade.

Um grande abraço e até a próxima edição. ■

Ronaldo Assais Ribeiro Campos
ronaldo@revistainspirec.com.br





Filosofia, inovação e o mundo corporativo

Adriano da Rocha Lima[1],
Diretor-presidente e fundador da WebRadar

Filosofia
Educação corporativa
Capacitação
WebRadar

O equilíbrio entre uma formação tecnológica e uma formação humana é fundamental para a diferenciação da empresa no mercado e para o alto rendimento e a satisfação dos colaboradores de uma empresa. A WebRadar, uma das principais líderes mundiais de soluções de BDA (Big Data Analytics) para gerenciamento de IoT (Internet das Coisas), investe continuamente em capacitações para o desenvolvimento pessoal e intelectual da equipe. Duas iniciativas recentes nas áreas da música e filosofia, implementadas por meio dos cursos de Harmonia e Percepção Musical e de Filosofia aplicada à Gestão Corporativa, se destacaram, com 100% de aprovação dos participantes. Tais iniciativas já produziram efeitos com o crescimento da quantidade de ações inovadoras da empresa.

Cada vez mais, empresas brasileiras e multinacionais de tecnologia estimulam o conhecimento técnico, o uso da criatividade e a busca da inovação, pois já entenderam que num mercado competitivo quem sai na frente tem grande vantagem. No entanto, apesar de a inovação ter se tornado quase que um mantra, repetido todos os dias, são poucas as empresas que realmente se diferenciam. A inovação, para realmente acontecer, depende de ideias novas e desafiadoras, que só surgem quando o ambiente da empresa e, principalmente, a forma de pensar dos colaboradores estão abertas a isso.

Por isso, as capacitações baseadas no desenvolvimento humano, pessoal, intelectual e emocional, indo além dos treinamentos técnicos com foco nas atividades do dia a dia, tem sido a tônica da WebRadar. O primeiro passo dessa iniciativa começou em 2014 com um curso de Harmonia e Percepção Musical. A música proporciona o estímulo da criatividade, da concentração, do trabalho em equipe, além de um grande aguçamento dos sentidos corporais. A música tem também uma grande similaridade com as ciências exatas, como matemática, o que estimula o lado intelectivo em combinação com os sentidos corporais. Numa alusão ao pensador holandês Baruch Spinoza, que dizia que corpos e pensamento têm origem na mesma substância e não trabalham desassociados, a música é um ótimo exemplo dessa teoria. Os resultados desta iniciativa com a música foram excelentes e a WebRadar resolveu ousar mais.

No início de 2016, em parceria com o Espaço Ética, a WebRadar decidiu trazer a capacitação em filosofia como forma de estimular ainda mais o intelecto, desenvolver o lado mais humano dos colaboradores e, principalmente, permitir sermos mais questionadores e enxergarmos o mundo que nos cerca de maneiras diferentes. Vivemos numa sociedade que nos impõe regras e formas de pensar, de encarar o mundo, que muitas vezes nem percebemos que poderia ser diferente. A civilização nos impõe trabalhar e pensar a serviço dela, reduzindo drasticamente nossa capacidade questionadora. A grande maioria das empresas de tecnologia, apesar de

repetir diariamente que são inovadoras, não foge da fórmula comum de seguir o que os outros já fazem, resultando em baixo grau de inovação efetivo. A WebRadar compete no setor de tecnologia com empresas multinacionais gigantescas. Não há outra maneira de crescer e ganhar mercado dessas gigantes se não inovarmos, no verdadeiro sentido da palavra. Não temos a capacidade de investimento dessas empresas, mas ainda assim conseguimos crescer de maneira acelerada e ganhar mercado delas, tendo como fundamentos a diferenciação e a inovação.

A filosofia tem se mostrado uma excelente aliada nessa busca. Em contraponto à música, a filosofia trabalha mais o intelecto, mas de uma forma bem diferente dos treinamentos em tecnologia ou em ciências exatas. A filosofia vai no sentido contrário, ela foge da exatidão. A filosofia te traz dúvidas e não respostas. Ela exercita sua mente visando enxergar o mundo a sua volta de diversos ângulos, mas sempre trazendo perguntas, te fazendo perceber que há várias formas diferentes de resolver um problema, mas ao mesmo tempo te traz algumas referências, mostrando como grandes pensadores, ao longo da história, tentaram buscar a verdade por trás da nossa percepção e o melhor caminho, ou o mais justo, a ser seguido. Segundo dizia Platão, só conseguimos alcançar a realidade, a essência do mundo que nos cerca, por meio do pensamento. O mundo sensível, que percebemos pelos nossos sentidos, não passa de uma ilusão, de uma representação particular e pobre do mundo real.

“Quem faz seu trabalho com excelência e persistência sai na frente, ainda que com uma pequena vantagem.”

Se tomarmos como base a filosofia clássica grega, a empresa poderia ser vista como um microcosmo onde cada membro da equipe teria seu papel bem definido, na busca do desabrochar das suas potencialidades, exercendo um papel fundamental na ordem “cósmica” empresarial.

Durante o processo de revisão e definição dos valores corporativos, identificamos um valor, a Eudaimonia, que sintetiza, de maneira simples e direta, o nosso principal valor, de forma que a empresa possa ter uma equipe verdadeiramente talentosa em cada uma das funções existentes, permitindo que cada integrante esteja no lugar certo, exercendo a atividade para a qual tem vocação.

Numa empresa que identifique e valorize os talentos individuais e dê meios para que esses talentos se desenvolvam, a rotina de trabalho se tornaria mais prazerosa. A empresa passa a ser mais produtiva, fazendo com que as horas de trabalho possam ser genuinamente prazerosas.

No diálogo *O banquete*, de Platão, a personagem Fedro diz que se todos os governantes amassem seus governados não haveria necessidade de leis, pois o amor seria suficiente para regular suas ações e teríamos uma cidade justa. Se fizermos a equivalência da cidade para uma corporação, uma empresa, não há como esperar nem exigir que os gestores amem todos os seus gerenciados, uma vez que o amor é sentimento e não é controlado pela razão. Nesse cenário, uma discussão aberta e cooperativa sobre a moral, a ética e as regras internas pode garantir uma empresa mais justa para quem nela trabalha e para quem se relaciona com ela, sejam clientes ou fornecedores.

A WebRadar é uma das principais líderes mundiais de soluções de BDA (Big Data Analytics) para gerenciamento de IoT (Internet das Coisas), que realiza coleta e processamento de grande volume de dados, em tempo real, das mais diversas fontes disponíveis, para identificar comportamentos e assim permitir que as empresas reduzam seu custo operacional, conheçam melhor seus clientes finais e, com isso, melhorem significativamente a qualidade do serviço que prestam. Por ser uma empresa de tecnologia que compete no mercado internacional, é fundamental que a inovação esteja presente no DNA de todos os seus colaboradores. E a filosofia permite justamente isto — o exercício de um novo olhar em relação a tudo que nos cerca, sejam relações pessoais, profissionais ou os problemas que afligem nossos clientes, presentes no nosso dia a dia.

Além de provocar um comportamento mais questionador e livre de ideias preconcebidas, ao aproximar a filosofia do cotidiano dos funcionários, a WebRadar estimula a utilização do pensamento filosófico na resolução de conflitos, na definição de valores, na definição das regras de convivência entre os colegas de trabalho e entre estes e os clientes, na definição das relações de trabalho, na liberdade e responsabilidade de cada indivíduo na execução de suas atividades e na busca da identidade da empresa perante o mercado.

Num cenário econômico muito competitivo e em constante mudança, as empresas precisam se adaptar e se diferenciar para poder crescer consistentemente e conquistar sua fatia no mercado, ações estas que o mundo corporativo passou a chamar de inovação. De acordo com o pensamento de Baruch Spinoza, não somente o cenário econômico, mas o mundo como um todo está em constante transformação, e estamos sempre afetando e sendo afetados por esse mundo, com afetos de alegria e tristeza. A filosofia de Spinoza pode ser uma ótima ferramenta na gestão da inovação nas empresas.

Continuando no ambiente empresarial, grande parte das variáveis pode estar além do nosso alcance, mas mesmo assim somos impactados por elas. Quem faz seu trabalho com excelência e persistência sai na frente, ainda que com uma pequena vantagem. Observem a ínfima diferença entre os tempos dos pilotos de Fórmula 1 ou de praticantes do atletismo. São centésimos ou milésimos de segundo que separam o campeão do vice ou até mesmo do último colocado. Ou seja, se realizarmos nossas atividades com excelência e focarmos a energia apenas no que depende de nós — inclusive enquanto parte de uma organização —, teremos muito mais chances de alcançar o sucesso almejado.

Como já dito, entendemos que a filosofia não trará resultados ou respostas imediatas para nossa empresa, mas nos ajudará a formular e compreender melhor os questionamentos do dia a dia, com o suporte de diversos pensadores que, ao longo da história, tentaram organizar de forma lógica tais questões. As respostas estarão em cada um de nós, e a nossa conduta ética — que seria a vida boa organizacional — dependerá da nossa capacidade de encontrar tais respostas em conjunto, em definir e respeitar os valores que são a referência para nossas tomadas de decisão.

Os resultados do curso de Filosofia e Relações Corporativas foram muito positivos: aumentamos a quantidade de ideias, produtos e iniciativas inovadoras da empresa, quando comparamos com os períodos anteriores. E praticamente 100% dos participantes aprovaram e ficaram satisfeitos com as aulas.

A estratégia de implementar uma capacitação intelectual mais abrangente, que foge ao senso comum, pode significar uma vantagem competitiva da companhia diante de seus concorrentes, pois uma equipe estimulada e com uma visão mais ampla da realidade tende a criar produtos e soluções mais atrativos, até mesmo para o mercado internacional. Em tempos de comoditização de produtos e serviços, este movimento pode ser um grande diferencial entre as empresas. ■

[1] Adriano fundou a WebRadar em 2008. Antes disso, trabalhou por mais de dez anos na Claro (antiga ATL), alcançando o cargo de diretor de engenharia. Também atuou na Promon Eletrônica e na Northern Telecom (EUA). Graduado pela PUC-Rio em Engenharia de Telecomunicações, tem pós-graduação em Network Strategic Planning pela Telia Academy AB (Suécia) e MBA em Executive Business Administration pela Coppead (UFRJ).

O projeto e os desafios do InspiraBB, realizado no final de 2016 em São Paulo/SP



Foto: Divulgação

Lidiane Orestes é mãe, jornalista e bancária. Trabalha no Banco do Brasil desde 2010, na Superintendência Estadual de Varejo São Paulo Oeste, na cidade de Bauru, interior de SP. Participou em 2016 do Grupo de Comunicação da Diretoria de Distribuição São Paulo, que reuniu cerca de 20 colaboradores de diversas áreas do banco com o objetivo de discutir a comunicação interna, e que, de forma colaborativa, foi responsável pela idealização e organização do Inspira BB. Em 2017 integrará a Divisão de Inovação da Diretoria de Estratégia e Organização, que transformou o Inspira BB em um movimento para todas as regiões do país.

E - Gostaríamos que contasse um pouco sobre o que é o Inspira BB e quais são os resultados esperados com esse evento.

O Inspira BB é um movimento idealizado e organizado por funcionários do Banco do Brasil, inspirado no modelo *talks*, em que palestras curtas, francas e cuidadosamente elaboradas são apresentadas com o objetivo de trazer a plateia ao pensamento crítico, além de partilhar conhecimento, divulgar e valorizar ideias.

A primeira edição, que marcou a tarde de sábado, 8 de outubro, em São Paulo, contou com a participação de 11 personalidades: o presidente do banco, intelectuais renomados, convidados de destaque em suas áreas de atuação e funcionários que acreditaram no projeto e se inscreveram para compartilhar sua história.

O Inspira BB é o resultado da colaboração, de acreditar que cada ser no processo é único e pode contribuir com sua história, suas interações, aquilo que acredita e, consequentemente, o que tem de melhor. Uma construção coletiva, fora de qualquer estrutura organizacional tradicional que pudesse engessá-la e a impedisse de agregar valor e significado. O objetivo é inspirar o pensamento crítico, a em patia, a colaboração e a vontade de fazer a diferença!

As palestras, que tiveram mais de 7 mil visualizações no YouTube e no Portal Unibb (Universidade Corporativa do Banco do Brasil), logo nos primeiros dias após o evento, também se tornou conteúdo público, indo ao ar pela TV Cultura, em rede nacional, na primeira quinzena de novembro de 2016.

EE - Para a edição de 8 de outubro de 2016, o tema escolhido foi *Transições: que mundo é esse? Para onde vamos?* Na Grécia antiga, ou seja, há mais de 2.500 anos, essas perguntas faziam parte das reflexões e preocupações dos filósofos. Elas foram respondidas ou novas reflexões surgiram?

Estimular a reflexão e o pensamento crítico acerca das questões de nossa época deve ser uma constante, não em busca de uma resposta-chave, algo pronto e gabaritado que tente conformar a todos, mas

sim que leve o indivíduo *à* construção e busca de sua própria resposta.

O compartilhar ideias, levar o indivíduo a expor sua história no Inspira BB é encarado como uma dinâmica que favorece esse estímulo. Entendemos que propiciar ambientes para que essas dinâmicas aconteçam faz parte da responsabilidade das instituições para que novas reflexões surjam e esse espaço esteja garantido.

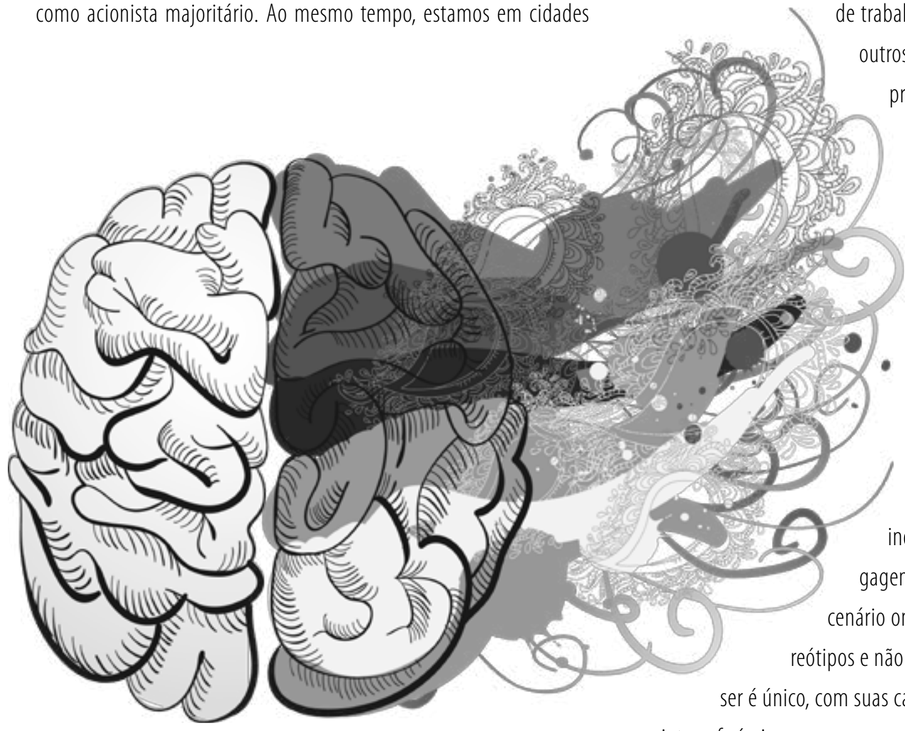
EE - Como o banco tem se posicionando perante as grandes mudanças que não são só tecnológicas, mas principalmente sociais, políticas e econômicas?

Buscando compreendê-las, discuti-las com funcionários, clientes, parceiros e a sociedade para aprender e se adaptar como uma instituição orgânica, viva e dinâmica. Somos um banco de mercado com espírito público. É a nossa identidade. Somos a única empresa do setor financeiro listada na Bovespa que tem o Tesouro Nacional como acionista majoritário. Ao mesmo tempo, estamos em cidades com baixa circulação de renda e integramos grandes e pequenos centros, construindo valor com atitudes que demonstram o nosso espírito público naquilo que realizamos.

EE - Gostaríamos que comentasse, especificamente, sobre o papel da mulher no banco e como vocês têm lidado com a transição da participação da mulher no mercado de trabalho.

Vivemos num novo momento de posicionamento do papel da mulher na sociedade, e esse momento, além de respeitado, deve ter a reflexão estimulada. No BB existem movimentos de funcionárias que disseminam a discussão e buscam espaço pelo empoderamento feminino não apenas na instituição, mas na sociedade!

É papel da instituição manter abertos canais para estimular essas discussões e atentar para as necessidades que essas transições causam. Muitas pesquisas que tratam do papel da mulher no mercado de trabalho apontam diferenças salariais e outros empecilhos estruturais nas empresas. No BB, o corpo funcional é composto por 41,5% de mulheres, que passaram por processo seletivo único. Todos os funcionários do banco recebem salário compatível com a função que exercem, independentemente do sexo. As regras e parâmetros de ascensão são os mesmos para homens e mulheres.



Entendemos que priorizando o indivíduo, suas características, bagagem e potencialidades, criamos um cenário onde não há minorias, não há estereótipos e não deve haver preconceito, pois cada ser é único, com suas características próprias e potenciais intransferíveis.

EE - No release divulgado pela empresa consta que uma das preocupações do evento é romper com os modelos mentais preexistentes. Que modelos são esses que precisam ser rompidos e quais são os que não precisam?

O legado tecnicista, de um mundo imutável, com modelos pesados, autocráticos e suas estruturas imutáveis como sinônimo de sucesso e rentabilidade não cabem mais no contexto de evolução tecnológica e social que vivemos. E é exatamente essa certeza e convicção da solidez de tudo que precisa ser questionada constantemente. Vivemos cada vez mais num mundo dinâmico, fluido, mutável, em rede. Buscamos construir uma empresa viva, onde o conhecimento circula da base até o topo da organização de forma dinâmica. No Inspira *BB* o presidente teve o mesmo tempo (10 minutos) da funcionária com apenas três anos de banco que está no primeiro nível de encarreiramento da empresa. Todas as duas falas foram edificantes. É um intercâmbio importante para a modernização do BB, um estímulo ao diálogo e à construção de novos caminhos.

“É papel da instituição manter abertos canais para estimular essas discussões e atentar para as necessidades que essas transições causam.”

EE - O Banco do Brasil existe há mais de 200 anos e sua história faz parte da história do Brasil. Quais são as lições de sucesso que o BB pode transmitir para outras empresas públicas?

Somos uma empresa líder de mercado, com uma história singular se comparada com outras empresas globais. Nossa história diz muito sobre nossa capacidade de contribuir com o desenvolvimento do país. Procuramos, na atuação de cada funcionário, reforçar o significado e o valor social do trabalho que realizam. É a condição de fazer do Banco do Brasil uma empresa conectada com as transformações do mundo digital e, ao mesmo tempo, humanizada. É isso que nos faz ter a filosofia como ferramental de reflexão importante na consciência sobre o nosso papel de transformar para melhor a vida de clientes e das comunidades em que atuamos. Entendemos o trabalho diante do seu potencial transformador.

EE - Como o Inspira BB pode contribuir com outras empresas brasileiras?

Mostrando que o trabalho coletivo, em rede, que considera os potenciais de cada indivíduo, que rompe com a obrigatoriedade de que inovações devam surgir apenas sob o crivo e à sombra de estruturas organizacionais impostas há décadas é possível. Trazendo a crítica para dentro da intuição, estimulando os indivíduos...

O Inspira BB pode ser uma referência positiva, conectando pessoas por meio de experiências singulares que possuem elos comuns como valor, propósito e sentido para aquilo que realizamos. É um contato com a verdade de cada um potencializada com aquilo em que o grupo acredita. ■



Pessoas com deficiência: desafios éticos

Maria Clara Dias

Universidade Federal do Rio de Janeiro-CNPq

Pessoa
Sistema funcional
Comprometimento moral

Nesta exposição pretendo apresentar uma concepção funcional de pessoa que permita uma revisão do modo como interpretamos os limites do nosso corpo e do nosso Self. Como isso, pretendo transpor o desafio ético de considerar como um igual seres que não se enquadram no modelo sociocultural estabelecido pelo sistema normativo vigente. Minha tese é a de que somos todos sistemas funcionais dinâmicos, flexíveis, que se transformam e se moldam, numa tentativa de melhor se harmonizar com seu entorno e alcançar uma realização plena. De acordo com essa perspectiva, defenderei então um compromisso moral com o florescimento dos funcionamentos básicos dos seres humanos, entendidos como sistemas funcionais complexos e diversos.

O que significa falar de pessoas com deficiência? Quais seriam os possíveis desafios éticos dessa questão? Uma pessoa é geralmente interpretada como um igual, alguém, portanto, a quem devemos igual consideração. Uma pessoa com deficiência é também uma igual? Aqui temos uma pergunta ambígua. Se houver sentido falar de deficiência, então em algum aspecto relevante essa pessoa não é uma igual. Digamos que na visão corrente ela "de fato" não seja uma igual, embora nessa mesma visão possa e deva ser considerada por direito, ou, sob o ponto de vista moral, uma igual. O aspecto capcioso do problema estará na identificação das características necessárias para que possamos considerar alguém, uma pessoa, e a distinção entre essas características e características, por assim dizer, secundárias, que podem, portanto, estar ausentes, sem comprometer o reconhecimento de um indivíduo como pessoa.

Se quisermos seguir nesta linha de raciocínio, teremos de começar pela pergunta mais óbvia. Em que consiste ser uma pessoa? Ou, em outras palavras, quais características julgamos essenciais para identificar uma pessoa? Quando, então, tivermos chegado a algum acordo sobre esse ponto, ou simplesmente tivermos sido vencidos pelo cansaço, teremos de enfrentar a questão seguinte: o que é uma deficiência? Nesse ponto, se ainda não tivermos desistido, talvez possamos esclarecer em que contexto falamos de pessoas com deficiência.

Há pelo menos 2.500 anos a tradição filosófica tem se dedicado a caracterizar o que somos nós: eu, vocês e os indivíduos que de alguma forma julgamos semelhantes a nós. A tradição filosófica acredita que eu, vocês e eles possuímos algo que nos caracteriza e, segundo a tradição, nos distingue e identifica enquanto pessoas. Acredita, por assim dizer, em uma natureza humana, mais ou menos fixa e visivelmente delimitada. Nesta exposição optarei por rechaçar essa forma de colocação da questão e com ela o cardápio filosófico de respostas. Em contrapartida, pretendo me servir de uma caracterização funcional do que somos que, segundo pretendo defender, não nos distingue, mas aponta uma forma de individuação mais apropriada do que somos e nos permite romper com um paradigma de normalidade, segundo o qual alguns indivíduos

são então caracterizados como faltantes ou deficientes. Minha proposta é que adotemos como foco de nossa consideração moral indivíduos concebidos como sistemas funcionais diversos e, como imperativo moral, o dever de contribuir para o florescimento dos diversos sistemas funcionais, o que quer que, em cada caso, isso possa significar. Neste modelo interpretativo, a deficiência deixa de ser uma característica intrínseca ao sistema e passa a ser tomada como expressão de uma inadequação entre o indivíduo e o seu entorno.

Nós: sistemas funcionais

A caracterização de indivíduos como sistemas funcionais é própria a uma forma de individuação que pretende dissolver uma série de impasses gerados a partir de uma concepção dualista do que somos. O dualismo em sua versão tradicional, o dualismo ontológico, concebe os seres humanos como um composto de dois tipos de substâncias: uma substância pensante, uma mente, e uma substância física, um corpo[1]. Entendidos dessa maneira, seria difícil justificar a consciência subjetiva que temos de nossa própria unidade e as razões pelas quais justificamos nossa forma de atuar no mundo. Acredito, por exemplo, que as diversas partes que compõem o meu corpo se movimentam em uma certa direção, porque acredito e desejo certas coisas. Acredito também que minhas pernas, meu sistema respiratório, assim como minha memória, minhas crenças e desejos, fazem parte de um todo integrado que me constitui enquanto indivíduo. A resposta funcionalista ao problema da interação entre o mental e o físico busca resgatar esta crença bastante trivial de que somos um todo integrado.



De acordo com a perspectiva funcionalista, a forma adequada de individuar uma entidade é por recurso a suas propriedades funcionais. Dessa forma, o funcionalismo resgata também a nossa convicção de que alguns processos mentais podem ser realizados em estruturas com propriedades físicas distintas. Eles seriam multiplamente realizáveis. Ao identificar um evento mental por suas propriedades funcionais, estaríamos, assim, reconhecendo o caráter necessário de um componente material, porém não reduzindo o evento em questão às propriedades físicas da estrutura material que o realiza.

A forma mais usual de exemplificar a concepção funcional é por meio da construção de modelos ou máquinas programadas para realizar um tipo de funcionamento específico. Nesse caso, as ilustrações vão desde máquinas mais simples, como as que nos oferecem refrigerantes mediante a introdução de moedas de um determinado valor, até as máquinas conexionistas de tipo PDP (*Parallel Distribution Process*) ou redes neurais. Parece evidente que a complexidade das funções que usualmente realizamos exige que sejamos exemplificados por modelos flexíveis e bastante complexos. Complexos talvez o suficiente para não sermos, ainda, capazes de descrevê-los. Nesse sentido, a proposta funcionalista parece vulnerável a uma objeção de fato, mas, se estivermos corretos, poderá mostrar que, em princípio, nada impede que esta seja a forma mais adequada de descrever o que somos.

Seres humanos, segundo uma descrição funcional, poderiam, assim, operar como um programa flexível composto de vários módulos. No primeiro módulo estaria um *scanner*, responsável pela recepção dos *inputs*. A partir daí, podemos imaginar vários módulos, entre os quais um módulo avaliador, responsável pela seleção das informações que chegaram à etapa final, qual seja, a produção de um comportamento específico. A peculiaridade desse tipo de programa estaria na sua capacidade de aprender, ou seja, de alterar o produto em função de um novo *input* que incluiria os efeitos produzidos pelo comportamento do agente nas etapas anteriores. Em outras palavras, o *output* gerado promoveria respostas externas que, por sua vez, seriam introduzidas no *input* e avaliadas pelo programa de forma a fornecer um novo resultado. É desse modo que um modelo programado para reconhecer letras, como o que é utilizado com sucesso nos Correios, altera, ou melhor, aprimora, sua performance na medida em que lhe são oferecidas grafias variadas de uma mesma letra e que o programador responde negativa ou positivamente ao seu reconhecimento ou não de uma letra. Tais modelos são capazes de reordenar os seus dados de forma a passar a reconhecer características anteriormente ignoradas.

“Nosso *Self* já não pode ser identificado ao cérebro, nem delimitado pelos contornos do nosso corpo físico/ biológico.”

Com base na análise funcional de modelos com programa flexível, passaríamos, então, a atender algumas das principais características do modelo humano, como, por exemplo, nossa capacidade de aprender a partir das experiências vividas e de responder de forma diferenciada, inédita, a novas situações. O processo de avaliação dos dados informacionais obtidos e a resposta consecutiva caracterizam o que julgo compreendermos como a capacidade de deliberar. Nesse sentido, nosso tão proclamado poder de deliberação nada mais expressaria do que a totalidade do processo que envolve a verificação, seleção e avaliação de informações e, finalmente, uma resposta comportamental. Do mesmo modo, podemos ainda descrever o que chamamos de liberdade como uma capacidade de conduzir respostas/ações com base numa avaliação e ponderação das diversas informações obtidas.

***

Se esta descrição for, realmente, sustentável, teríamos então de enfrentar suas consequências. Já de partida, vemos esmaecer a ideia de uma base fixa, imutável, detentora do que imaginamos ser a nossa essência propriamente humana. A pergunta acerca da identidade de cada ser deverá ser respondida por referência a uma rede de processos que envolve a performance de distintas funções, algumas das quais usualmente descritas por um vocabulário mentalista. A esta rede chamaremos de *Self*. O *Self*, assim entendido, não é uma unidade transcendente que controla todo o sistema, nem uma parte específica do mesmo. Ele é uma rede ou uma conjunção de processos. Enquanto tal, está projetado no mundo e em constante processo de transformação. Seu campo informacional é composto de dados oriundos tanto dos limites internos quanto externos ao próprio corpo. Dentro desta descrição, nossos limites tornam-se também flexíveis. Nosso *Self* já não pode ser identificado ao cérebro, nem delimitado pelos contornos do nosso corpo físico/biológico.

Se quisermos, por exemplo, pensar a nossa atividade cognitiva segundo o modelo funcional da relação *inputs*/*outputs* e estados mentais diversos, onde deveríamos estabelecer os limites do processo cognitivo? Segundo a perspectiva funcional, a cognição não poderia ser identificada como uma etapa específica do processo, um estado mental isolado, por exemplo, mas ela seria todo o processo. Nesse caso, ela envolveria necessariamente uma complexa rede de *inputs*, internos e externos, e *outputs*. Os elementos que compõem o processo cognitivo fazem, assim, parte de uma estrutura dinâmica, em que os papéis desempenhados estão em constante permuta. Registros deixados em livros, diários, computadores e no nosso entorno ambiental ocupam um papel tão fundamental em nosso set informacional quanto nossas sensações, traços de memórias e as operações realizadas em nosso cérebro.

O papel desempenhado por objetos localizados fora dos limites do nosso corpo, ou ainda, por artefatos, no nosso processo cognitivo, talvez explique por que nosso raciocínio se vê debilitado quando perdemos nossa agenda ou as informações que guardamos em nossos computadores. Pode explicar também a falência cognitiva de idosos que são afastados do lugar, pessoas ou objetos que lhes eram familiares. Segundo essa visão, nosso processo cognitivo se estende, necessariamente, para além do nosso cérebro e dos limites do nosso corpo, pois envolve, como parte constitutiva de seu mecanismo, os *inputs* que compõem o conteúdo de nossos pensamentos, e o que, em vocabulário kantiano, chamaríamos a síntese destes por meio de conceitos. A linguagem é ela mesma um artefato que incorporamos à nossa estrutura cognitiva e que assume o papel de projetar no mundo parte de nossos conteúdos mentais. A mente ou o *Self*, entidade narrativa à qual reportamos não apenas nossa cognição, mas a totalidade de nossos estados psicológicos, não é uma entidade que se relaciona ou representa o mundo, mas sim uma rede de processos no mundo.

Nós e os outros: entre agentes e concernidos

Minha proposta de redefinição do que somos e nossa descrição como sistemas funcionais visa, sobretudo, ampliar a esfera da moralidade. Em outros textos, defendi como foco da moralidade os diversos sistemas funcionais (DIAS, 2016). Dessa maneira, traduzi o princípio universal do respeito como uma demanda por respeito ou consideração aos funcionamentos básicos dos diversos sistemas e, como fim último da moralidade, o florescimento destes. Ao introduzir essa visão, pretendia romper com uma concepção de moralidade estruturada segundo o paradigma contractualista, em que o grupo dos indivíduos identificados como agentes morais é também o grupo dos concernidos. Em uma concepção desse tipo, pautada no exercício da racionalidade e da autonomia das possíveis partes integrantes de uma situação contratual, não haveria espaço para o reconhecimento moral de indivíduos que jamais seriam capazes de ocupar o papel de agente moral. Procurei mostrar que este seria o caso de muitos seres da espécie humana que, por razões das mais diversas — razões que nos reportam tanto à sua constituição biológica quanto a fatores de ordem socioeconômica ou fatalidades que obstruam o bom exercício de seus funcionamentos —, jamais exercerão, de forma satisfatória, a racionalidade e a autonomia exigidas. Ao tomar como exemplo este grupo, nada pequeno, de seres humanos, pretendia apontar uma incongruência em nossas atitudes morais corriqueiras e, ao tentar corrigi-la, finalmente promover uma ampliação dos limites da nossa comunidade moral.

Servi-me, assim, de uma convicção amplamente compartilhada: a crença de que usualmente não excluímos como objeto de nossa consideração moral os seres humanos nada ou pouco racionais e autônomos. Se de fato pensamos assim, isso significa que já estamos dispostos a distinguir entre os agentes morais — aqueles que tomam atitudes morais e são moralmente responsáveis por elas — e os que chamo concernidos morais, ou seja, os seres que incorporamos à nossa comunidade moral e que julgamos objeto de nossa consideração moral, à revelia da consciência que possam ter sobre isso. Esse passo, acrescido da redefinição anteriormente proposta do que somos, gera, então, uma concepção moral que, tendo como foco os sistemas funcionais, incorpora seres humanos, animais não humanos, objetos inanimados e até mesmo o meio ambiente.

Minha tese é a de que objetos inanimados e o meio ambiente podem ser compreendidos como elementos constitutivos do nosso próprio *Self*. Como defendi anteriormente, nosso *Self* não tem como limite o cérebro ou nossa estrutura corporal. Ele incorpora em si objetos e se projeta no mundo. Muitos desses objetos são sistemas acoplados que nos permitem realizar uma série de tarefas e potencializar nossos funcionamentos. Eles abrangem desde óculos, dentaduras, aparelhos auditivos, bengalas e pernas mecânicas até celulares, microcomputadores etc.

Sob o ponto de vista moral, considero que uma das principais vantagens desta visão é que ela retira o estigma que muitos indivíduos carregam de serem pessoas com deficiências por necessitarem de um complemento artificial ou mecânico. Todos os seres humanos possuem sistemas acoplados. Todos possuem objetos que incorporaram como parte constitutiva de sua identidade narrativa. Alguns de nós, contudo, se rendem a um processo de autoilusão que faz com que nos consideremos criaturas genuinamente puras, pertencentes a uma espécie única, que curiosamente se define por oposição aos seres que julgamos pertencer a uma categoria outra, também, frequentemente considerada, hierarquicamente inferior.

Se tais considerações forem razoáveis, nosso dever moral deverá abarcar sistemas funcionais diversos, sejam eles humanos ou não. Por meio do binômio homem-máquina buscamos, agora, apenas uma caracterização mais adequada do que somos, que nos afasta tanto de uma matriz religiosa como da matriz biológica tradicional . O fantasma do cyborg ou da máquina que adquire características humanas deixa de ser um problema moral relevante. Isso porque, embora uma forma de vida moral seja algo propriamente humano e sejam alguns seres humanos os agentes morais por excelência, somos nós, agentes morais, que ao assumir uma certa concepção moral, assumimos, simultaneamente, um compromisso com o florescimento de outros sistemas funcionais, sejam eles humanos ou não.

Conclusão

Nesta exposição, procurei desfazer alguns equívocos inerentes à nossa autocompreensão. Abandonando qualquer concepção do que somos que nos reporte a uma essência fixa dos seres humanos, defendi uma descrição funcional que nos caracteriza como estruturas funcionais flexíveis, criaturas que incorporam a si outros sistemas e objetos de forma a melhor realizar seus funcionamentos. Inserindo a moralidade no universo de alternativas dos seres humanos, tracei uma distinção entre os seres que assumem uma forma de vida moral e, por conseguinte, precisam arcar com as consequências dessa escolha, e aqueles indivíduos que incorporamos como objeto de nossa consideração moral, à revelia da consciência que tenham acerca do que isso signifique e, por conseguinte, do endosso que possam dar a nosso universo de práticas morais. ■

Referências bibliográficas

CLARK, A. Memento's Revenge: The Extended Mind, Extended. In: STERENLY, K.; WILSON, R. A. (Eds.). *The Extended Mind*. Cambridge (MA): The MIT Press, 2010.

_____; CHALMERS, D. The Extended Mind. *Analysis*, v. 58, p. 10-23, 1998.

DENNETT, D. *Kinds of Minds*: Towards an Understanding of Consciousness. Nova York: Basic Books, 1996.

DIAS, M. C. (Org.). *A perspectiva dos funcionamentos:* em defesa de uma abordagem moral mais inclusiva. Rio de Janeiro: Editora Pirilampo, 2015.

_____. *Sobre nós*: expandindo as fronteiras da moralidade. Rio de Janeiro: Editora Pirilampo, 2016.

ROCKWELL, W. T. *Neither Brain nor Ghost*. Cambridge (MA): The MIT Press, 2005.

INSPIRE-C

www.revistainspirec.com.br
contato@revistainspirec.com.br
Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP – CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

Confira outros vídeos desta edição acessando o nosso site:
www.revistainspirec.com.br/videos

Realização:
espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

www.vectorportal.com

